

FIGURAS DE LINGUAGEM: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO

Janaina Aires da Silva Queirozⁱ

Marcelo Medeiros da Silvaⁱⁱ

RESUMO: Neste trabalho, temos como objetivo geral apresentar uma alternativa para a abordagem das Figuras de Linguagem, a partir de uma perspectiva que fuja ao modelo tradicional como comumente esse conteúdo vem sendo trabalhado na educação básica. Para tanto, utilizamos, como alicerce teórico, Geraldi (1997), Tavares (1974), Nunes (2014), Brandão (1980), entre outros. O corpus é constituído por dois livros didáticos de Língua Portuguesa para turmas do primeiro ano do Ensino Médio: *Português Linguagens* (2010) e *Viva Português* (2010). Com base na análise desenvolvida, pudemos constatar que as figuras de linguagem continuam sendo apresentadas na maioria dos livros didáticos (LD) de maneira mecânica, sem nenhuma reflexão sobre a contribuição delas para a construção de sentidos dos textos. Além disso, acreditamos que a proposta aqui apresentada é bastante significativa para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que sugerimos que os alunos sejam levados a refletirem sobre os efeitos de sentido que estão por trás de um texto e como as figuras de linguagem podem contribuir para que determinados objetivos comunicacionais sejam alcançados.

PALAVRAS-CHAVE: Figuras de linguagem; Livro didático; Proposta didática

LANGUAGE FIGURES: A TEACHING PROPOSAL FOR MIDDLE SCHOOL

ABSTRACT: In this work we have as general objective to present an alternative to the approach of the content Language Figures, from a perspective that flee to the traditional model as commonly this content has been worked. In order to do

so, we use, as a theoretical foundation, Geraldi (1997), Tavares (1974), Nunes (2014), Brandão (1980), among others. The corpus consists of two Portuguese language textbooks for first year high school classes: *Português Linguagens* (2010) and *Viva Português* (2010). Based on the analysis developed, we could verify that the language figures continue to be presented in most of the textbooks in a mechanical way, without any reflection on the contribution of these figures to the construction of meanings of texts. In addition, we believe that the proposal presented here is quite significant for Portuguese language teaching, since we suggest that students be led to reflect on the meaning effects behind a text and how language figures can contribute so that certain communicational goals can be achieved.

KEYWORDS: Language figures; Textbook; Didactic proposal

1 . Introdução

As figuras de linguagem são recursos linguísticos presentes com bastante frequência no nosso dia a dia, sendo utilizadas para realizar os mais diversos objetivos comunicacionais, embora pensemos que elas sejam exclusividade apenas da esfera literária. Seja nas conversas mais triviais, seja em textos literários, as figuras de linguagem quebram a significação comum das palavras, criando novos sentidos que são capazes de atrair a atenção das pessoas que, independentemente de classe social, usam esses recursos em suas interações cotidianas para os mais diversos fins. Contudo, na tradição retórica, acreditava-se que a capacidade de usar as figuras era restrita aos grandes poetas e escritores que as utilizavam para dar mais vida e beleza ao discurso. Portanto, de acordo com essa tradição, os gêneros presentes nas relações cotidianas deveriam evitar o uso desses elementos, visto que eles distorciam a realidade e serviam apenas para ornamentar a linguagem.

Atualmente, ainda se observam muitos equívocos quando se trata da abordagem do conteúdo figuras de linguagem em sala de aula. Nesse contexto, nota-se uma forte tendência em considerá-las como elementos próprios dos

textos literários. Isso fica perceptível a partir dos exemplos que são apresentados nas aulas de Língua Portuguesa para explicar cada figura e que, quase sempre, são trechos literários nos quais os alunos são levados a identificarem qual figura de linguagem está presente, sem que haja uma reflexão sobre a importância desse recurso – as figuras de linguagem – para a construção textual e os efeitos de sentidos.

Tendo em vista esse contexto, neste trabalho, temos como objetivo geral apresentar uma alternativa para a abordagem das figuras de linguagem a partir de uma perspectiva que fuja ao modelo tradicional como comumente esse conteúdo vem sendo trabalhado. Antes disso, a fim de situar nosso leitor acerca do que chamamos de abordagem tradicional das figuras de linguagem na educação básica, fazemos uma breve análise da forma como o conteúdo em questão é abordado em dois livros didáticos de língua portuguesa para o ensino médio: *Português Linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2010), e *Viva Português*, de Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso e Silvia Letícia de Andrade (2010). Em seguida, apresentamos propostas metodológicas¹ para uma abordagem diferenciada das figuras de linguagem como conteúdo para a sala de aula. Destaquemos aqui que essas propostas funcionam apenas como uma alternativa e não como uma receita pronta para ser aplicada por docentes.

Para a realização deste trabalho, utilizamos como alicerce teórico Tavares (1974), Nunes (2014), Geraldi (1997), Oliveira (2010), Brandão (1980), entre outros.

2. Pressupostos teóricos

As reflexões sobre o ensino de língua materna, realizadas nos últimos anos, têm mostrado a necessidade de mudanças pedagógicas, de forma que se

¹ Algumas metodologias da proposta apresentada aqui já foram aplicadas na nossa atuação no PIBID (UEPB, Campus VI) em sala de aula com o conteúdo “figuras de linguagem”. Considerando o fato de que tivemos resultados positivos com tal proposta, decidimos sistematizá-la melhor e compartilhá-la para que outros professores pensem em alternativas que possam ser significativas para o ensino de Língua Portuguesa no que se refere à forma de abordagem das figuras de linguagem no contexto da sala de aula.

possa distinguir o que é essencial e o que é acessório em tal ensino e que se deixe claro que ensinar língua materna não é sinônimo de ensinar gramática. Afinal, como afirma Geraldi (1997):

Uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferentes formas entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua. (GERALDI, 1997, p. 118).

Portanto, há uma enorme diferença entre saber gramática e saber língua, diferença essa que, comumente, a escola não mostra ao aluno, não deixando, na maioria das vezes, nenhum saber útil sobre a língua. Muitos professores incorrem no erro em ministrar conteúdos puramente gramaticais, sem o auxílio do objeto da língua: o texto oral ou verbal. Essas práticas geralmente são traduzidas no ensino de regras gramaticais, as quais são explicitadas a partir de frases soltas e isoladas, sem sentido efetivo para os alunos. Para Geraldi (1997), um ensino calcado na valorização e na busca pela produção efetiva de conhecimento e não pela reprodução só é possível se as posições em sala de aula forem transformadas. O professor precisa se colocar não mais como único e verdadeiro transmissor de conhecimentos, mas, sim, como sujeito mediador de textos, alguém capaz de construir saberes juntamente com o aluno. A sala de aula deve ser vista assim como lugar onde os sujeitos (professor e alunos) compartilham conhecimentos diversos. Essa metodologia, segundo o autor, possibilitaria ao aluno conduzir seu próprio processo de aprendizagem, deixando de ser mero receptor e tornando-se um sujeito ativo na construção do conhecimento. Destarte, é de extrema importância que se adote uma relação interlocutiva no processo de ensino/aprendizagem, uma relação na qual professor e aluno trabalhem juntos na construção de saberes, uma relação que realmente possa contribuir para a formação de um sujeito crítico.

O entrave de se adotar essa postura interlocutiva no ensino, principalmente no que se diz respeito ao ensino de língua, vem de longa data. Para tentar ordenar e disciplinar a aprendizagem, tendo em vista a rápida democratização

do ensino, o conhecimento foi sistematizado, o ensino foi resumido a uma mecanização, ao aprendizado de categorias e de estruturas. Tudo isso foi refletido no ensino de língua, o aspecto formal da linguagem passou a ser privilegiado e o ensino de língua se confundiu com o ensino de gramática a partir de categorias taxionômicas.

Muitos alunos, por confundirem saber língua com dominar a gramática normativa, são levados a pensarem que não sabem Português por não terem conhecimento de todas as regras que regem o sistema linguístico. Todavia, segundo Oliveira (2010), esse é um pensamento totalmente equivocado, pois “as regras que regem o português, embora sejam extremamente complexas, estão internalizadas em todos os brasileiros”. (OLIVEIRA, 2010, p. 41).

No que diz respeito ao emprego das figuras de linguagem, Tavares (1974) afirma que elas não admitem regras, pois são inerentes ao próprio pensamento. Segundo o autor, as figuras têm forte atuação tanto na linguagem erudita como na linguagem coloquial. Na maioria das vezes, usamos sem percebermos algumas expressões que constituem figuras de linguagem, uma vez que elas se encontram inseridas no cotidiano das pessoas e em várias outras áreas do saber.

Por exemplo, quando atribuímos a alguém o epíteto de cordeiro, já temos agregado ao nosso espírito a idéia de mansidão. E nem nos apercebemos de que estamos criando um tropo: metáfora. O mesmo acontece quando consideramos uma pessoa esperta, inteligente, culta como cabeça – Você é cabeça! (metáfora) ou Você é o máximo! (hipérbole). (JULIANO, 2006, p. 61)

Entretanto, durante a maior parte da tradição ocidental, a partir de uma visão objetivista, as figuras de linguagem foram consideradas um desvio da linguagem literal, um recurso que tinha a única função de enfeitar a fala ou a escrita, portanto, seu uso deveria ser evitado nas manifestações do cotidiano, visto que tudo poderia ser expresso e entendido sem uso de figuras de linguagem. Cohen (1975), com base em Durmasais, apresenta a seguinte definição para as figuras:

Definem-se comumente as figuras como maneiras de falar, distanciadas daquelas que são naturais e comuns; como certos rodeios e modos de expressão, que se distanciam de forma comum e simples de falar. E entre esses 'modos de expressão', há algumas que dizem respeito especialmente ao sentido, os tropos.² (COHEN, 1975, p.28 *apud* NUNES, 2014, p. 38)

As figuras de linguagem seriam usadas apenas como adornos textuais, com uma função simplesmente estética, sendo consideradas desnecessárias, visto que, de acordo com essa concepção, o acesso à verdade e à falsidade seria possível apenas por meio da linguagem literal. Assim sendo, os gêneros presentes nas relações cotidianas deveriam fugir do uso das figuras de linguagem, principalmente os gêneros científicos. A partir dessa visão, a linguagem literal e a figurada passaram a ser vistas como dois pólos diferentes.

A linguagem literal, ou denotativa, deveria retratar a realidade das coisas. Para isso, era preciso apenas buscar seus referentes diretamente no mundo externo e atribuir-lhes valor de falsidade ou verdade. Já a linguagem figurada, ou conotativa, estava circunscrita ao mundo literário, ou seja, aos poetas, escritores, romancistas. Percebe-se, assim, que o sentido literal estava relacionado à ideia de objetividade, clareza, precisão, sendo essa a única maneira de chegar à compreensão e ao conhecimento das coisas. Portanto, o sentido figurado não poderia ser utilizado, pois, de acordo com a tradição retórica ocidental, ele distorcia a realidade.

Apesar de haver essa distinção entre o literal e o figurado nas teorias clássicas, Brandão (1980) afirma que essas teorias nem sempre conseguem separar esses dois modos de expressão linguística, posto que, assim como o uso da expressão figurada tende a representar uma hierarquia social, através do embelezamento do discurso, pessoas comuns na vida cotidiana também utilizam termos próprios e metafóricos, pois, nas palavras de Aristóteles: "Não há ninguém que na conversação corrente não se sirva de metáforas, dos termos próprios e dos vocábulos usuais". (ARISTÓTELES *apud* BRANDÃO, 1989, p. 12).

² Os tropos, de acordo com Durmasais, são figuras de expressão que se relacionam mais com os sentidos, e, portanto, devem ser vistas a partir dos estudos da semântica (NUNES, p. 38).

A visão tradicional das figuras de linguagem restringia seu uso apenas aos grandes poetas e escritores, os quais as usavam para melhor expressar e embelezar seus textos. Sendo assim, elas eram vistas apenas como recursos figurativos que davam mais vida à linguagem.

Nas gramáticas, dicionários e enciclopédias, elas tendem a ser ilustradas com exemplos de textos de poetas consagrados. Isso é consistente com a visão de que essas figuras são recursos de estilo, de ornamento, que servem a tipos de expressão culturalmente prestigiados. (SARDINHA, 2007, p.22)

Importante destacarmos que, ainda hoje, verifica-se, em algumas práticas de ensino e em materiais didáticos, o ensino do conteúdo “figuras de linguagem” pautado em uma concepção tradicional, como poderemos perceber no próximo tópico, na análise da forma como esse conteúdo é abordado em dois livros de Língua Portuguesa. Contrapondo-se ao princípio de que as figuras de linguagem são de domínio próprio dos textos literários, defendemos a ideia de que elas estão presentes nas mais diversas formas de manifestação humana e são de fundamental importância na nossa experiência cotidiana com a linguagem.


3. Apresentação de uma proposta didática

Nesta seção, primeiramente, descrevemos a forma como as figuras de linguagem são abordadas nos dois livros didáticos selecionados e, posteriormente, apresentamos a proposta didática.

No livro *Português Linguagens*, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2010), é reservado um capítulo para a abordagem das figuras de linguagem. Nesse capítulo, é apresentado, inicialmente, um poema “Menina na janela”, de Sérgio Capparelli, com uma atividade de interpretação. O primeiro questionamento proposto é voltado mais para as impressões individuais a respeito do poema. Já o segundo questionamento chama a atenção para a diferença entre o uso das palavras em seu sentido cotidiano, comum (*A lua é branca ou a gata é mansa*) e em situações em que se utiliza uma linguagem poética, em que as palavras ganham novos sentidos (*A*


lua é uma gata branca, mansa). A partir dessa observação, são apresentadas duas perguntas direcionadas à identificação dos atributos que permitiram ao poeta aproximar, na primeira estrofe do poema, lua e gata, e, na segunda estrofe, sol e leão sedento.

A terceira questão refere-se à identificação dos sentidos relacionados à impressão sugerida em alguns versos retirados do poema de Capparelli. Por sua vez, na última questão chama-se a atenção para a presença de metáforas nos versos “A lua é uma gata branca” ou “O sol é um leão sedento”. A partir do uso dessa figura no poema, questiona-se o que ele acrescenta ao texto. Esse questionamento pode ser considerado positivo, já que leva o aluno a refletir sobre a contribuição da metáfora na construção de sentidos do texto. Para melhor entendimento dessa discussão, apresentamos a seguir a atividade proposta no LD a partir do poema de Capparelli.

 **Construindo o conceito**

Leia este poema:

Menina na janela
 A lua é uma gata branca,
 mansa,
 que descansa entre as nuvens.
 O sol é um leão sedento,
 mulambento,
 que ruge na minha rua.
 Eu sou uma menina bela,
 na janela,
 de um olhar sempre à procura.
 (Sérgio Capparelli. *Restos de arco-íris*.
 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 35.)



1. O eu lírico diz ser “uma menina bela, na janela”:
 a) Quanto tempo a menina fica à janela? Ela deve ficar durante muito tempo, pois vê a lua e o sol.
 b) Na sua opinião, o que o olhar do eu lírico procura? Resposta pessoal. Sugestão: Provavelmente outro olhar ou um amigo ou um amor, etc.

2. Se dizemos “A lua é branca” ou “a gata é mansa”, estamos utilizando uma linguagem normal, em que as palavras são empregadas em seu sentido cotidiano. Contudo, se dizemos “A lua é uma gata branca, mansa”, estamos utilizando uma linguagem nova, poética, em que as palavras compõem imagens e ganham sentidos novos.
 a) O que permitiu ao poeta, na primeira estrofe, aproximar lua e gata? A cor, a mansidão, a preguiça.
 b) O que permitiu, na segunda estrofe, aproximar sol e leão sedento? A sede, a força, a cor dourada.

3. Há, no poema, imagens que evocam impressões sensoriais. A qual dos nossos sentidos se relaciona a impressão sugerida em cada um dos versos seguintes?
 a) “A lua é uma gata branca, mansa” visão
 b) “O sol é um leão sedento” gosto
 c) “que ruge na minha rua” audição

4. Imagens como “A lua é uma gata branca” ou “O sol é um leão sedento” são exemplos da figura de linguagem chamada metáfora. O que o uso dessa figura de linguagem acrescenta ao texto? O uso da metáfora, ao aproximar realidades diferentes, como gata e lua, sol e leão, enriquece o texto quanto às possibilidades de sentido.

56

Fonte: CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português linguagens**: volume 1. – 7.ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2010, p. 56.

Cotejando o livro do professor para ver as orientações sobre a atividade acima, verificamos que são apresentadas respostas tidas como certas a que o aluno deve atender para que possa alcançar bons êxitos, restringindo, assim, o desenvolvimento de sua capacidade imaginativa e compreensiva. Apenas na segunda parte da primeira questão, propõe-se que o discente dê sua opinião sobre o que o olhar do eu lírico procura, mas, mesmo assim, sabemos que, em algumas práticas de ensino, o professor desconsidera as opiniões e interpretações dos alunos, levando em conta somente as respostas prontas sugeridas no material didático. Com isso, deixam-se de lado as várias possibilidades de leitura que um texto pode proporcionar. Por exemplo, partindo da atividade acima sobre o poema de Capparelli, o docente poderá desprender um pouco do livro e desenvolver uma discussão com os alunos acerca da temática do poema, dando espaço e voz para que os alunos desvendem as possibilidades de sentido que o uso das figuras proporciona ao texto.

Logo em seguida, no tópico “Conceituando”, os autores dão a definição de figuras de linguagem:


Figura de linguagem é uma forma de expressão que consiste no emprego de palavras em sentido figurado, isto é, em um sentido diferente daquele em que convencionalmente são empregadas. Elas são normalmente utilizadas para tornar mais expressivo o que queremos dizer. Empregadas tanto na língua escrita quanto na língua falada, ampliam o significado de uma palavra, suprem a falta de termos adequados, criam significados diferentes. (CEREJA e MAGALHÃES, 2010, p.57).

Após essa definição, os autores apresentam vários exemplos de trechos poéticos com figuras de linguagem, como a comparação, a metáfora, a metonímia, a antítese, a hipérbole, a personificação, a ironia, o eufemismo, o paradoxo, a fim de conceituar e exemplificar as respectivas figuras. A partir dessa apresentação, depreendemos que os autores não vão muito além da visão

tradicional da linguagem figurada, uma vez que se nota uma forte tendência a considerar figura de linguagem como recurso próprio da linguagem literária.

Entretanto, apesar de grande parte do capítulo se deter na classificação e na identificação dos recursos estilísticos, sem ressaltar a importância destes na produção de possibilidades de sentidos dos textos, em algumas questões das duas últimas propostas de atividades, intituladas “As figuras de linguagem na construção do texto” e “Semântica e discurso”, e em alguns quadrinhos isolados presentes no decorrer do capítulo, verifica-se uma preocupação, ainda que tímida, em fazer o leitor refletir sobre a importância das figuras de linguagem na construção de sentido dos textos. Por exemplo, na primeira questão da atividade “Semântica e discurso”, proposta a partir da tira de Mort Walker, solicita-se uma explicação para o emprego da palavra *eufemismo*, a qual é responsável pela provocação de humor na tira. Já na última questão dessa atividade, utiliza-se mais uma vez uma tira com a expressão metafórica “estar no céu”, e questiona-se o possível sentido dessa expressão para os dois personagens: o padre e o Chico Bento. Segue abaixo a proposta de atividade do LD, com as duas questões mencionadas acima:

1. Leia esta tira:



(Mort Walker. O Estado de S. Paulo, 10/2/2007.)

Às vezes uma pessoa faz um comentário a outra dizendo que alguém que elas conhecem está gordinho. A pessoa que ouve responde: “Isso é um eufemismo; fulano está é muito gordo, obeso”. Explique por que, na tira, o emprego da palavra *eufemismo* provoca humor. Na tira houve uma inversão em relação à situação relatada. Primeiramente o recruta Zero emprega a palavra *eufemismo* e depois, como se desse um exemplo, usa uma palavra muito delicada e suave para se referir à gordura excessiva que se localiza na cintura do sargento.

Fonte: Fonte: CEREJA, W. R.; MAGAHÃES, T. C. **Português linguagens:** volume 1. – 7.ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2010, p. 65.

4. Na língua portuguesa há, além de palavras, expressões que apresentam sentido metafórico. É o caso, por exemplo, de *pôr minhocas na cabeça*, cujo significado é “pensar em bobagens, em tolices”. A tira a seguir apresenta uma expressão com sentido metafórico. Leia-a.



(Maurício de Sousa, *O Estado de S. Paulo*, 5/4/2007.)

Considerando o contexto, responda:

- a) O que o pai pode ter dito ao Chico sobre a expressão “estar no céu”? *Sugestão: Provavelmente algo relacionado a ir para o paraíso, a ir para o céu depois de morrer.*
- b) Com que sentido Chico Bento usou a expressão “estar no céu”? *estar em estado de plena felicidade; estar muito feliz*

65

Fonte: Fonte: CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português linguagens:** volume 1. – 7.ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2010, p. 65.

Atividades desse tipo configuram-se como um ponto positivo, por ampliarem o estudo das figuras para outros gêneros textuais, como as tirinhas, e para outros tipos de linguagens além da verbal, a exemplo da visual e da mista (verbal e visual). Salientamos, assim, um pequeno avanço na forma como as figuras de linguagem são apresentadas por Cereja e Magalhães (2010), uma vez que eles, a partir de algumas questões desafiadoras, induzem os alunos à percepção de que a linguagem figurada pode exercer um papel importante na construção do sentido global do texto em contextos que não a esfera literária. .

No segundo livro analisado, *Viva Português*, a parte referente ao conteúdo “figuras de linguagem” foi encontrada no capítulo *O Poema*, dentro do tópico *Conhecimentos linguísticos*. Propõe-se a leitura de três versos retirados do poema “Poemeto erótico”, de Manuel Bandeira. Na primeira parte da questão, pede-se a identificação dos atributos que são comuns entre os elementos que são comparados no verso I, corpo da amada e um véu de noivado; já na segunda e terceira partes, solicita-se a identificação dos elementos que são comparados no verso II e a qualidade que o eu lírico vê da água das fontes no corpo da amada. Por sua vez, na última parte da questão, afirma-se que no verso III

também existe uma comparação, entretanto a qualidade entre os elementos comparados está implícita. Partindo dessa afirmação, pergunta-se o que pode haver em comum entre o corpo da amada e a brasa do lume. Esse tipo de questionamento tem possivelmente o intuito de levar os alunos a perceberem o uso da metáfora por parte do poeta.

Após essas primeiras questões, as autoras do livro definem a metáfora como sendo “uma figura de linguagem que pode ser definida como o emprego de um termo no lugar de outro por haver entre eles alguma relação de semelhança” (CAMPOS, CARDOSO; ANDRADE, 2010, p. 219) e apresentam exemplos com o intuito de diferenciar a comparação da metáfora.

Logo em seguida, outras questões e atividade são apresentadas, as quais, em resumo, referem-se à identificação de atributos que não são mencionados em frases metafóricas, à transformação de comparações metafóricas em metáforas, à identificação de outras figuras de linguagem, como hipérbole e antítese, em frases isoladas ou em versos poéticos, sem que haja uma atividade de reflexão sobre os usos das figuras para além dos textos literários.

A partir das atividades apresentadas no livro *Viva português*, percebemos que o trabalho com as figuras de linguagem consiste na identificação delas, de forma mecânica e com a finalidade de apenas explicitar qual tipo de figura está sendo usada em frases e versos retirados de poemas. Com isso, os alunos perdem a oportunidade de fazerem uma análise mais reflexiva sobre os efeitos que a utilização desses recursos linguísticos promove nos textos.

Tendo em vista o que até agora expusemos, passaremos, agora, a descrever uma proposta de intervenção sobre figuras de linguagem que procura distanciar-se um pouco da abordagem tradicional a partir da qual esse conteúdo vem sendo ensinado na educação básica.

Sendo assim, em um primeiro momento de intervenção, a fim de estudar algumas funções das figuras de linguagem, o professor poderá levar para a sala de aula o texto “A última crônica”, de Fernando Sabino. É recomendável trabalhar com texto, uma vez que é nele que a língua se concretiza, assim como é a partir dele que podemos desvendar as várias funções e efeitos de sentido que ela pode

apresentar. Assim sendo, todo e qualquer estudo da linguagem deve ser realizado por meio de textos.

Antes da leitura efetiva da crônica, o docente iniciará uma discussão sobre uma das temáticas recorrentes no texto – aniversários –, a fim de que os alunos interajam, expondo suas experiências e opiniões. Esse momento de debate sobre essa temática do texto, antes mesmo de iniciar a leitura, é uma importante estratégia de compreensão, uma vez que ativa os conhecimentos prévios dos alunos. Nessa primeira discussão, os alunos podem se sentir à vontade para compartilharem suas experiências e anseios sobre uma realidade que faz parte da maioria da vida das pessoas: o próprio aniversário.

Posteriormente a essa troca de impressões prévias, propõe-se que seja realizada uma leitura silenciosa da referida crônica de Fernando Sabino. Logo após, realizar-se-á uma leitura em voz alta. Em seguida, no momento da discussão oral sobre o texto, mediante perguntas elaboradas previamente, os alunos poderão ser instigados a realizarem uma compreensão geral do texto. Abaixo elencamos algumas sugestões de perguntas para esse momento, as quais visam não determinar previamente a interpretação por parte do aluno, mas orientar um caminho possível para a condução da discussão sobre o texto em sala de aula, sem que se inviabilize a formulação de outras questões durante o debate em sala de aula:

- A família retratada no texto, “A última crônica”, provavelmente é humilde, certo? Identifique elementos que comprovem essa afirmação.
- Como você interpreta o seguinte trecho: “Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos”.
- Você acha que, além da questão econômica da família representada no texto “A última crônica”, existe outro assunto que possa ser discutido? Justifique.

- O que você tem a dizer sobre a forma como o garçom atendeu a família de pretos? Você acha que a atitude dele deve-se ao fato da família demonstrar ser humilde ou porque ela era negra?

Nessa discussão oral, o docente poderá induzir os alunos a perceberem a presença de figuras de linguagem, antes mesmo de esse conteúdo ser explicitado para eles, como, por exemplo, a comparação que o autor faz entre a menininha e um animalzinho, com o objetivo de enfatizar a personalidade dos personagens e de definir a situação norteadora do texto.

Dando continuidade à leitura do gênero *crônica*, em outro momento, poderá ser levado para a sala de aula um texto de Marta Medeiros, “O medo do amor”. Sugerimos a leitura desse texto por acreditarmos que a temática do amor pode despertar a sensibilidades dos alunos, uma vez que a temática amorosa nunca saiu de cena e interessa a muitos independentemente da idade ou do sexo. Antes de iniciar a leitura da crônica, os alunos poderão ser levados a realizarem inferências a partir do título do texto. É importante realizar essa estratégia de leitura, a da inferência, uma vez que, como afirma Oliveira (2010), cabe ao professor, como mediador, a tarefa de ajudar seus alunos a dominarem estratégias de leitura que lhes sejam úteis para o exercício de compreensão textual.

No momento de discussão do texto de Marta Medeiros, o professor poderá induzir os alunos a perceberem as estratégias linguísticas utilizadas pela autora para conferir sentido à crônica, a qual é construída com base em figuras de linguagem que são de fundamental importância para a construção e compreensão do texto.

A partir dessa discussão, os alunos poderão ser levados a perceberem a função que as figuras de linguagem, como metáfora, personificação, hipérbole, antítese etc. exercem no texto, antes mesmo de esse conteúdo ser abordado em sala de aula. Assim, a partir da compreensão global do texto, o professor poderá identificar as opiniões dos alunos, as impressões desses sobre o texto, bem como levá-los a compreenderem os diversos efeitos de sentido construídos a

partir da linguagem figurada, os quais são essenciais para a construção dos sentidos da crônica.

Para dar continuidade ao trabalho com as figuras de linguagem, o professor poderá distribuir para os alunos algumas letras de músicas. Sugerimos as seguintes: Beijinho no Ombro, de Waleska Poposuda; Só Você, de João neto e Frederico; Cedo ou Tarde, de Nx Zero; A Lua me Traiu, de Calypso; Fugidinha, de Michel Teló; Camarote, de Wesley Safadão; Te Esperando, de Luan Santana; Shimbalaíê, de Maria Gadú; Refém, de Jorge e Mateus, Longe de Você, Charlie Brown Jr. Selecionamos essas músicas por acreditarmos que elas podem chamar a atenção dos alunos, uma vez que fazem parte do gosto musical de grande parte dos jovens e adolescentes que encontramos nas salas de aula de muitas escolas públicas em especial.

Propomos o trabalho com músicas por observarmos que esse gênero está bastante presente no cotidiano dos adolescentes. Dessa maneira, eles podem ser despertados a realizarem outras leituras e outras atividades, partindo daquilo que eles gostam. Além disso, é importante que os alunos tomem conhecimento de que as figuras de linguagem não são apenas um recurso utilizado exclusivamente pela linguagem poética, como colocam alguns livros didáticos e o próprio ensino tradicional, pois, conforme afirma Brandão (1989), as figuras de linguagem mantêm uma relação não só com a literatura, mas praticamente como todos os campos de interesse do homem.

Para a realização dessa atividade com as músicas, o professor dividirá a turma em dez grupos e entregará uma letra a cada um para que juntos façam uma leitura e exponham o assunto tratado nas letras de músicas. No momento de pedir aos estudantes que coloquem suas impressões sobre as músicas, o professor ressaltará que, além de eles abordarem o assunto, também devem prestar atenção a algumas expressões que podem lhes causar estranheza nas letras de música. Com essa atividade, objetiva-se levar os alunos a perceberem os efeitos de sentidos produzidos pela presença das várias figuras de linguagem nessas letras. Para isso, os alunos poderão escrever suas opiniões no caderno e depois expô-las oralmente.

Em um momento posterior, os alunos poderão expor oralmente para o resto da turma suas impressões sobre as letras das músicas. Conforme os grupos forem se apresentando, o professor poderá ir chamando a atenção dos alunos para a presença de algumas palavras ou expressões presentes nas músicas, as figuras de linguagem, as quais são usadas pelos cantores com um objetivo de chamar a atenção do público, expressar seus sentimentos e dar um sentido mais conotativo às palavras.

Após os alunos serem induzidos a perceberem a presença da linguagem figurada nas letras das músicas, o professor poderá apresentar algumas definições oralmente sobre figuras de linguagem e sobre suas funções nos textos. Nesse momento, a interação em sala de aula deverá ser promovida, a fim de fazer com que os próprios alunos percebam os recursos linguísticos utilizados nas músicas a partir de seus conhecimentos prévios.

Em um momento posterior, para fixar melhor o referido conteúdo, o professor poderá iniciar uma dinâmica, denominada “saco das linguagens”. Para a realização dessa dinâmica, o docente colocará no quadro alguns exemplos e definições de figuras de linguagem sem seus respectivos nomes, esses estarão em um saco do qual ele pedirá a cada grupo que tire um nome de uma das figuras de linguagem e identifique no quadro em qual definição o exemplo e o nome se encaixam.

Os grupos que não conseguirem relacionar os nomes das figuras de linguagem retiradas do saco aos respectivos exemplos e definições entrarão em disputa com os demais grupos. Estes terão a chance de tentar responder, gerando, assim, um clima de competição entre os alunos, o que pode motivá-los a participarem ativamente da dinâmica. Nesse momento, deve ser enfatizado que as figuras de linguagem não são algo distante de nossa realidade, nem tão difícil de reconhecê-las, pois as utilizamos com muita frequência no nosso cotidiano, embora na maioria das vezes não tenhamos consciência, a fim de concretizarmos nossos objetivos comunicacionais.

A fim de confirmar a assertiva de que as figuras de linguagem estão presentes no nosso cotidiano, poderá ser realizado um momento de resgate de situações em que se flagra o uso das figuras de linguagem, quando, por

exemplo, vamos comunicar o falecimento de uma pessoa, fazemos comparações, somos irônicos, ao dizer aquilo que acreditamos não ser verdade, quando falamos de conceitos abstratos como os sentimentos, as emoções, o tempo, a vida, a morte, entre outros.

Os alunos poderão retomar algumas expressões da linguagem figurada, utilizadas por eles ou por outras pessoas nas experiências do dia a dia, fazendo-os perceberem que as figuras de linguagem são quase que inerentes à nossa realidade cotidiana e, em alguns casos, utilizamo-las de forma automática e inconsciente.

Como atividade final, os alunos (em grupo) poderão pesquisar em páginas do *facebook* figuras de linguagem presentes em textos escritos por internautas para os mais diversos fins, como parabenizar os amigos, falar sobre o amor que se tem por pessoas queridas, abordar a situação política, econômica do país, entre outros assuntos. Em decorrência dessa atividade, os alunos ficarão cientes da presença das figuras de linguagem nas mais diversas formas de manifestações linguísticas do nosso dia a dia.

Após os alunos recorrerem às redes sociais para observarem os usos das figuras de linguagem, eles poderão apresentar ao professor um texto escrito com a listagem das figuras encontradas e uma breve análise sobre suas respectivas funções nos textos retirados do *facebook*. Além disso, esses resultados poderão ser apresentados oralmente pelo grupo para toda a turma, com o objetivo de outros alunos interagirem com a discussão e dizerem se concordam ou não com a análise realizada pelos colegas.

5. Considerações finais

Com base nas discussões apresentadas no presente artigo, foi possível evidenciar a importância da linguagem na realização dos nossos objetivos comunicativos e nas nossas interações sociais, uma vez que é por meio dela que podemos falar de nossos sentimentos, emoções e dos mais diversos conceitos do mundo. Tendo em vista essa importância, é preciso que os professores, enquanto formadores de sujeitos críticos e reflexivos, pensem em

estratégias que possibilitem aos alunos o conhecimento dos diversos usos da língua, para que assim eles possam se tornar cidadãos ativos e conhecedores dos recursos linguísticos que eles podem usar quando desejarem interagir com outras pessoas ou quando necessitarem interpretar os sentidos de um texto em um determinado contexto social. Pensando nisso, neste trabalho, expomos uma breve análise da forma como as figuras de linguagem são abordadas em dois livros didáticos de língua portuguesa para o Ensino Médio. A partir da insuficiência verificada nesses livros, apresentamos uma proposta didática com o conteúdo “figuras de linguagem”.

No que se refere à forma como os dois livros didáticos analisados aqui apresentam as figuras de linguagem, pudemos observar que ainda prevalece a visão errônea de que as figuras são utilizadas apenas no âmbito da literatura, como comprovamos através das atividades e das exemplificações baseadas em trechos literários. Ademais, observamos que as atividades, de forma geral, se resumem à identificação das figuras de linguagem nos textos, havendo poucos questionamentos que levam os alunos a refletirem sobre a contribuição desses recursos na construção de sentidos dos textos. Conseqüentemente, acaba-se instaurando o pensamento de que as figuras têm pouca importância, servindo apenas para dar mais beleza à linguagem (literária).

Quanto à proposta didática sugerida neste trabalho, acreditamos que ela é significativa para o ensino de Língua Portuguesa, visto que se diferencia da forma tradicional como o conteúdo “figuras de linguagem” vem sendo trabalhado em sala de aula. Através da presente proposta, mostramos a importância de o docente abordar os vários efeitos de sentido que as figuras podem exercer em vários gêneros textuais, literários ou não, além de termos tido o cuidado de evidenciarmos que os textos não devem ser trabalhados como pretexto para o ensino de gramática. Ao contrário, deve-se partir da compreensão global dos textos para se chegar à reflexão sobre os efeitos de sentido que estão por trás de um texto e como as figuras de linguagem podem contribuir para que determinados objetivos comunicacionais sejam alcançados.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. **As figuras de linguagem**. São Paulo: Ática, 1989.

CAMPOS, Elizabeth Marques; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Sílvia Letícia de. **Viva português: ensino médio**. – São Paulo: Ática, 2010.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens: volume 1**. – 7.ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2010.

GERALDI, João Wanderley. No espaço do trabalho discursivo, alternativas. In:_____. **Portos de passagem**. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JULIANO, Ana Cláudia Moraes. **Figuras de Linguagem no Discurso Publicitário: Análise de Anúncios em Revistas**. 2006. 132f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo, Universidade de Marília, Marília/SP.

NUNES, Darcijane dos Santos. **Efeitos de sentido de figuras de linguagem no gênero anúncio publicitário: uma abordagem dialógica**. João Pessoa, 81 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, 2014.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisar saber**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SARDINHA, Tony Beber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

TAVARES, Hênio da Cunha. **Teoria literária**. 5.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

ⁱ Mestre em linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2017). Especialista em Ciências da linguagem com ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (2017). Possui Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (2014), experiência em Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UEPB), e, também atuou no projeto de Iniciação à docência (PIBID-Subprojeto Letras), na qualidade de bolsista. Professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Irmã Joaquina Sampaio, Campina Grande-PB.

ⁱⁱ Doutor em Letras, área de concentração em Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (2011), mestre em Linguagem e Ensino, área de concentração Ensino e Aprendizagem de Língua e Literatura, pela Universidade Federal de Campina Grande (2006), especialista em Literatura e Estudos Culturais (2005) e graduado em Letras (2004) pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor do Programa de pós-graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba e do

curso de Letras do campus VI da UEPB. Foi coordenador do Curso de Letras do Campus VI, diretor do Centro de Ciências Humanas e Exatas. Atualmente, é coordenador de área do PIBID-Língua Portuguesa na cidade de Monteiro. Desenvolve pesquisas voltadas para os seguintes temas: mulher e literatura, escritoras oitocentistas, literaturas não-canônicas, representações de gênero e de sexualidades, ensino de literatura, formação de leitores e formação de professores.